

---

# A FELICIDADE NUMA SALA DE CINEMA\*

---

JORGE MOURINHA\*\*

Foi em África que João Viana decidiu que ia ser cineasta, foi em África que filmou *A Batalha de Tabatô*, foi África que lhe deu uma menção especial no Festival de Berlim. Sente estar a viver “um filme”: “A Marguerite Duras diz que ou se é escritor aos cinco anos, ou não se é. Vi o meu primeiro filme aos sete anos e foi nessa altura que decidi que queria fazer cinema...”.

A decisão tomada precocemente aos sete anos por João Viana culminou, há poucas semanas, com a presença dos seus dois últimos filmes no elenco do Festival de Berlim — e no seu palmarés. A sua primeira longa, *A Batalha de Tabatô* (na secção paralela Forum), mereceu uma menção especial do júri na categoria de Melhor Primeira Obra; a curta gémea *Tabatô* (competição oficial de curtas) recebeu o prémio de Melhor Curta atribuído pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Académico (DAAD). Uma dupla citação que apanhou o realizador português de surpresa face às câmaras transmitindo a cerimónia em directo. “Quando me pediram para estar presente, indicando que poderia ter ganho alguma coisa, pensei que fosse pela curta, nunca pela longa!”

Duas semanas depois, durante meia hora de conversa com João Viana, já em Lisboa, essa surpresa e o calor com que os seus filmes foram recebidos em Berlim continuam bem presentes. “Parece que estou a viver

\* Artigo originalmente publicado no jornal *Público*, 6 de Março de 2013. Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/03/06/jornal/a-felicidade-numa-sala-de-cinema-26169489>.

\*\* Jornalista, Portugal. E-mail: [jorge.mourinha@gmail.com](mailto:jorge.mourinha@gmail.com).



um filme”, diz o cineasta a certa altura, depois de explicar como sente que os prémios deram ao díptico “vida própria”, como se fossem “outra coisa” que lhe foge ao controlo. Até porque, ao fim de quase uma década dedicada às curtas-metragens (com destaque para *A Piscina*, que esteve em Veneza 2004, e *Alfama*, mostrada em Vila do Conde 2010), Viana ainda se sente pouco à vontade no formato longo- muito embora o prémio na Berlinale e as reacções positivas que *A Batalha de Tabatô* mereceu junto da crítica internacional provem exactamente o contrário.

Em parte, essa impressão explica-se pelo percurso assumidamente autodidacta (e, por isso, necessariamente inseguro) de um cineasta que não fez a escola de cinema; a sua escola foram os anos que passou como técnico e assistente, participando em rodagens de Manoel de Oliveira, João César Monteiro ou Paulo Rocha (este último produziu-lhe a primeira curta, *A Piscina*), e vendo filmes — “sou muito feliz numa sala de cinema”, como diz a certa altura. E, embora defina o cinema como “uma árvore com muitas raízes”, são os nomes dos grandes clássicos do mudo que lhe vêm primeiro à cabeça: Dreyer, Chaplin, Murnau. “Não por uma espécie de nostalgia”, sublinha. “O começo do cinema é logo muito fulgurante. Estou convencido que os irmãos Lumière fizeram exactamente tudo ao contrário do que as pessoas estavam à espera... Em vez de irem repisar a paixão de Cristo, vão filmar o homem da rua, é um gesto muito radical, fortíssimo”. Daí que as suas curtas, ancoradas em cenários visuais fortes — uma piscina em obras, um comboio em movimento, o mato guineense —, reivindicuem a poesia visual do mudo.

Paradoxalmente, para quem acha que o cinema “perdeu um pouco com a chegada do som”, o díptico premiado em Berlim, formado pela curta *Tabatô* e pela longa *A Batalha de Tabatô*, gira precisamente à volta da música. “Um jovem músico alemão falou-me da aldeia de Tabatô”, espécie de “capital” da música tradicional guineense, “e isso interessou-me pela inversão da forma como olhamos África”, diz. “Quando os pais estavam em África, mandavam os filhos para a Alemanha estudar música; agora um alemão queria ir para África precisamente aprender música. Era uma inversão do modo como olhamos o outro”.

A “batalha” que dá o título ao filme é a batalha entre o Bem e o Mal, simbolizando a música e o silêncio, África e Europa, através da história de um músico guineense que, apanhado nas convulsões da guerra colonial, partiu para Portugal e regressa para o casamento da filha com um outro músico, perturbando no processo o equilíbrio ancestral do misticismo mandinga. Manter o filme inteiramente centrado em personagens guineenses impôs-se a Viana durante as viagens de pesquisa que fez àquele país africano que não conhecia. “Bolama, a antiga capital portuguesa, era um silêncio sepulcral, de uma enorme tristeza. É uma cidade vazia. Em Tabatô, pelo contrário, não se consegue dormir, há música de manhã à noite, por causa do chá que se bebe com muito açúcar...”

Essa música foi registada pela equipa — “gravámos tudo e trouxemos muitíssimas horas de som que depois foram trabalhadas cá durante meses”, diz Viana para explicar o facto de a banda sonora ter sido composta pelo maestro e percussionista Pedro Carneiro a partir de gravações de campo feitas no local. “Era justo que houvesse alguém português a trabalhar o som, para que houvesse uma correspondência com a imagem”, explicando que lhe interessava “um encontro, um confronto de sensibilidades”.

Viana faz questão de sublinhar que não lhe interessava minimamente filmar com um olhar “de fora”; afinal, o próprio realizador nasceu em Angola e foi em África que, aos sete anos, viu o tal primeiro filme que marcou a sua vida, no Esplanada Impala Cine de Moçâmedes. “Era um filme sobre baleias assassinas, chamava-se *Água Azul, Morte Branca* [Peter Gimbel e James Lipscomb, 1971], e lembro-me da sala de cinema, que era muito especial, um bocadinho modernista, que podia perfeitamente ter sido desenhada pelo arquitecto Siza Vieira e era aberta dos lados por causa do calor”.

Essa “rendição” à paisagem acabou também por manifestar-se na produção do filme. “Não fui com guião nem com uma equipa técnica. De Portugal foi muito pouco, só três ou quatro pessoas, e o filme fez-se lá”. E fez-se muito para lá das expectativas do cineasta, que começou por pensar em fazer um simples documentário sobre Tabatô e voltou das ilhas Bijagós com quatro filmes, pelo meio de um grande susto (o naufrágio do *ferry*

em que a equipa viajava, sem vítimas mas com a perda de todo o material de iluminação). *A Batalha de Tabatô* (80 minutos) e *Tabatô* (10 minutos) são duas facetas de um mesmo todo: a curta está mais do lado da ficção elíptica, a longa expande e articula a narrativa da curta com um aspecto mais documental do quotidiano guineense. A seguir, virão *Música para Tabatô*, sobre o trabalho da banda sonora, e um outro documentário — dirigido por Paulo Carneiro, assistente de realização — sobre as rodagens e o naufrágio do *ferry*, que forçou a equipa a rodar apenas em exteriores e com iluminação natural.

Isso, contudo, será a seguir; para já, o presente é *Tabatô*. “Estão a acontecer coisas muito interessantes”, resultantes do bom acolhimento recebido em Berlim — mas Viana protege-se. “Acho que isto é tudo muito de desconfiar, porque é um bocadinho efémero, vai acabar muito rapidamente... É bom deixar as coisas assentar, levantou-se muita poeira.” Confessando que se sente um pouco “espectador” relativamente ao trabalho de exibição e distribuição — “é outra coisa” que não domina forçosamente — tem duas certezas. Uma: os dois filmes não fazem sentido mostrados juntos numa mesma sessão comercial. Outra: “gostava de me concentrar em mostrar o filme na Guiné, para fechar o círculo, mostrá-lo às muitas pessoas que trabalharam semigratuitamente para o fazer”. Existe já gente interessada em fazer esse regresso à Guiné acontecer.

E talvez nele João Viana consiga recuperar a experiência de que nunca se esqueceu no Impala Cine de Moçâmedes: “As sessões começavam ao final da tarde, e o projeccionista e os espectadores tinham de esperar que chegasse a noite para o filme começar...”